

A situação da juventude negra nos Estados Unidos

Joshua Reason, M.A.

Nos Estados Unidos, quase todos os jovens negros têm uma conversa com seus pais. Esta conversa é sobre a realidade de ser negro num país que prefere que você não exista. Nesta conversa, falamos sobre as coisas que temos que fazer, que não deveríamos ter que fazer, mas ainda temos que fazer para ficarmos seguros. Por exemplo, quando se está dirigindo num bairro branco, é preciso reduzir o som de sua música para que os moradores não chamem a polícia. Quando se entra numa loja cara, independente de seus recursos econômicos, é preciso que se ande sem as mãos nos bolsos, vestir-se bem e sempre fale com um sorriso quando abordado pelos vendedores, que sempre perguntam se você precisa de ajuda (às vezes, perseguem você por todos lados da loja, achando que você está ali para roubar algo). Como jovens, geralmente não temos experiências pessoais com essas coisas, mas quando ficamos mais velhos, vemos estas injustiças acontecendo com nossas famílias, nossos amigos negros, pessoas negras que nem conhecemos e, às vezes, com nós mesmos.

No entanto, esse assunto não é tratado em um só momento. São coisas que os pais dizem e que continuam dizendo por toda sua vida. Durante o ensino médio, eu e minha mãe mudamos para Palo Alto, uma cidade no Vale do Silício. Durante essa época, minha mãe tratou justamente desse assunto comigo. Como eu já havia morado em bairros brancos antes disso, eu não acreditei no que ela me havia dito. Nunca entendi porque ela não me deixou sair com meus amigos à noite ou porque ela ficou nervosa quando eu demorei para respondê-la no celular. Mas agora eu sei que essas ansiedades eram por causa de assaltos, físicos e mentais, que aconteceram na vida dela e nas vidas de pessoas negras que ela conheceu. Esse trauma intergeracional, essa violência mental ou corporal que é transferida geração após geração, é uma das razões que temos para ter esse tipo de conversa com nossos pais. Esta conversa acontece com a esperança de que, pelo menos, possamos evitar algumas formas de violência diária que nossos pais, nossos avós e nossos ancestrais sofreram. Nesta época, eu acho que devemos depositar nossa esperança para além do fato de sobrevivermos individualmente. Agora, a questão deveria ser: como passamos da sobrevivência para a prosperidade e a valorização de corpos negros?

Eu acho que este trabalho é um trabalho transnacional. Eu sempre me reconheci como negro, porque não tive outra opção nos Estados Unidos. No entanto, minha primeira visita à Bahia em 2013 foi a primeira vez que eu descobri que ser negro poderia significar ser lindo e poderoso. Há muito poder em saber disso. Vivemos num tempo muito violento para os negros, mas também é um tempo com muito potencial para nós. O ativismo, a produção cultural, e os trabalhos acadêmicos dos negros no mundo estão mudando o padrão do que significa ser negro neste século. Fica mais fácil, com os novos recursos da tecnologia, conectar-se com pessoas negras de todo o mundo. Dessa forma, como poderíamos fazer conexões radicais, que têm o potencial de revolucionar as vidas da juventude negra em todos os lugares? Eu acho que deveríamos criar redes virtuais para continuar falando sobre estes assuntos. Meu sonho é que um dia teremos um foro transnacional da juventude negra, mas, por enquanto, devemos seguir compartilhando entre nós mesmos a situação dos negros em nossos países. Infelizmente, a mídia não faz este trabalho. Por exemplo, quando se fala sobre a política ou economia do Brasil nos Estados Unidos, a mídia nunca fala sobre os negros. Nem fala sobre a violência policial ou sobre o preconceito contra o Candomblé e Umbanda, além de outros assuntos que os negros dos

Estados Unidos deveriam saber. Então, é nossa responsabilidade compartilhar o que está acontecendo em nossos países. A solidariedade transnacional começa com nós mesmos.

Para terminar, eu quero compartilhar uma poesia famosa de Ntozake Shange com vocês:

Encontrei deus em mim
E eu a amei
Eu a amei com força

Para combater o racismo, o machismo, a LGBTfobia e outras formas de ódio, é preciso se amar primeiro. Os negros do Brasil me ensinaram como me amar e eu sempre tento compartilhar este amor com outras pessoas negras. Claro que o amor não vai resolver todos nossos problemas, mas o fato de se amar já é um ato de resistência. Espero que vocês possam achar Deus em vocês e aprender a amá-la com força.